



Proposta Semiótica Cultural de Jornalismo Científico em IFES

Anderson Danilo Cardoso Caldas¹

¹Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo – UFRR. Servidor do IFRR. e-mail: anderson.caldas@ifrr.edu.br

Resumo: Esta pesquisa teve como foco o jornalismo científico e fez uma análise do “Criativo” - jornal laboratório do curso de Jornalismo - e do jornal UFRR Notícias, ambos produzidos na Universidade Federal de Roraima. O objetivo é fazer uma análise dos dois jornais referente à divulgação científica e verificar como estes veículos estão abordando a temática, uma vez que as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) são, por natureza, criadoras de ciência, tecnologia e inovação. Ao final, propôs como produto da pesquisa, a construção de uma matéria jornalística que seja de fácil entendimento ao leitor, cumprindo assim o real papel do jornalismo científico. Para trabalhar amplamente com este tema foi delimitada como ciência norteadora e metodologia a Semiótica Russa ou também denominada de Semiótica da Cultura. A possibilidade de realizar um diálogo entre jornalismo e ciência por meio do estudo da cultura e no âmbito dos jornais analisados foi o ponto decisivo para a escolha do referido método.

Palavras-chave: IFES, jornalismo científico, semiótica da cultura

1. INTRODUÇÃO

O rápido avanço tecnológico, da internet e as constantes discussões sobre inovação no Brasil e no mundo criaram a crescente necessidade de informações e notícias sobre temas que envolvam ciência e tecnologia. Para tanto, o jornalismo científico tem como função primordial realizar o elo entre a pesquisa científica e a população, de forma que a linguagem rebuscada da ciência seja traduzida em um texto simples e de fácil entendimento. Para Oliveira (2005) o Jornalismo Científico deve suprir a necessidade humana pela informação científica, principalmente, se tais informações têm efeitos políticos, econômicos e sociais para a vida de pessoas interessadas e não informadas. Por isso, normalmente, assuntos relacionados à ciência e tecnologia tem efeitos comerciais, estratégicos, burocráticos que influenciam diretamente e indiretamente o dia-a-dia das pessoas.

O Jornalismo Científico compreende a veiculação, seguindo os padrões jornalísticos, de informações sobre ciência, tecnologia e inovação e, por isso, desempenha diversas funções. Em primeiro lugar, ele cumpre o papel de contribuir para o processo de alfabetização científica, permitindo aos cidadãos tomar contato com o que acontece no universo da ciência e da tecnologia. A mídia tem essa característica pedagógica a ser cumprida, como um complemento à educação, e que atinge não apenas aqueles que já deixaram a escola, mas, sobretudo os que estão dela excluídos por inúmeros motivos. (BUENO, 2007)

Dentro deste contexto, a Universidade Federal de Roraima (UFRR), enquanto Instituição de Ensino e, logicamente, produtora, financiadora e disseminadora do conhecimento científico tem um papel importante para o fomento das pesquisas científicas no âmbito do estado de Roraima e até do Brasil. A UFRR tem a necessidade de não apenas produzir ciência, mas também de fomentar a divulgação científica para a população acadêmica e roraimense.

A reunião dos componentes supracitados é que se baseou o presente trabalho. A pesquisa teve como objeto de estudo dois jornais provenientes da Universidade Federal de Roraima: *UFRR Notícias* (produzido pela Assessoria de Comunicação do órgão) e *Criativo* (jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da UFRR) e analisou a importância da disseminação da ciência e tecnologia nos dois veículos de comunicação.

Assim, é feito uma análise utilizando o método da semiótica Russa (também conhecida como semiótica da cultura ou escola de Escola de Tártu-Moscou) para verificar como a cultura “jornalismo científico” está presente na cultura “Universidade Federal de Roraima – jornais UFRR Notícias e Criativo”. O trabalho objetivou estreitar a relação da ciência com a população, bem como verificar a



divulgação científica das pesquisas desenvolvidas nos bancos da UFRR e traz uma proposta de matéria de jornalismo científico como produto final da pesquisa.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Como metodologia, o presente trabalho analisou dois jornais impressos da Universidade Federal de Roraima utilizando o método semiótico da cultura. Para entendermos como a metodologia foi aplicada ao objeto é necessário uma breve explanação sobre a semiótica da cultura.

A Escola Tártu-Moscú (Universidade de Tártu, na Estônia, considerada o berço da semiótica da cultura), nos anais do 25º Simpósio de semiótica caracterizou a cultura em três níveis: *cultura social* que a cultura é vista como uma sociedade, isto é, um conjunto de indivíduos cujas relações mútuas são organizadas em instituições sociais; *cultura material*, vista como uma civilização em que há um conjunto de artefatos produzidos e utilizados pelos membros desta sociedade; e *cultura mental* que o sistema de valores, ideias, hábitos morais e éticos (mentalidade), ou seja, é um conjunto de mentefactos que controla estas instituições sociais e determina as funções e significados destes artefatos. (POSNER 1997, p. 37).

Com base nesses pressupostos, a primeira tese trata sobre como a cultura relaciona-se ou como é constituída pela semiótica. Na cultura social, a sociedade, assim como os membros individuais e as instituições, são usuários do signo. Nessa condição, a sociedade pode, por exemplo, fazer negociações, declarar guerra e paz; as instituições, a exemplo das universidades, teatro, paróquias são concebidas como corpos unificados e por isso são capazes de responder por suas próprias instituições; e os indivíduos também conseguem assumir esses papéis de emissor, receptor e mensagem.

Na cultura material, a semiótica afirma que os artefatos de uma cultura, na verdade, são signos que representam certo papel para os seus membros inseridos nela e a significa por meio de sua aparência exterior. Por isso, os artefatos incluem textos orais e escritos pertencentes a vários gêneros e os significam por meio dos indicadores de gêneros neles contidos.

Já a relação cultura mental e semiótica se dá pelo fato de que um mentefacto desempenha um papel em alguma convenção daquela cultura. Um mentefacto específico de uma cultura, tal como o “jeitinho” brasileiro, reflete no comportamento dos indivíduos ou na sociedade em nosso país, e assim funciona como significantes. Então, os mentefactos são caracterizados como códigos, pois representam significados em um sistema de significantes e significados, sendo assim, a cultura mental um conjunto de códigos aplicados por aquela sociedade.

Teóricos como Iúri Lótman e seus colegas de escola de Tártu (Viatcheslav Ivánov, Vladímir Topórov, Aleksandr Piatigórski, Bóris Uspiênski) em *Theses on the Semiotic Study of Cultures* dissertaram como a cultura mental se constrói em determinada sociedade. Nesta abordagem, a cultura mental é considerada como um sistema concêntrico de esferas semióticas, rodeadas por outras diversas esferas caracterizadas como não-semióticas, em que cada esfera ocupa um segmento de realidade. Nas esferas semióticas estão estruturados os códigos da cultura (valores, tradições, ideias, costumes que são característicos da sociedade, instituições e indivíduos), enquanto que nas não-semióticas os segmentos são deixados sem estrutura.

Tais esferas podem ser classificadas em quatro áreas diferentes: a *extracultural cultural* que é a cultura desconhecida de seus membros e, por isso, está além do horizonte mental de uma sociedade; a *não-cultura* que é conhecida por seus membros, mas é considerada como “estranha” ou oposta à sua própria cultura; o *culturalmente periférico* que faz parte da cultura dos membros da sociedade, mas não ocupa a parte central; e o *culturalmente central* que é usado pelos membros de uma sociedade para identificar a própria cultura.

Nas interações entre as esferas semióticas e não-semióticas é que há a mudança e modificação na segmentação da realidade cultural, ou seja, quando a sociedade descobre uma realidade (extracultural, como por exemplo, uma nova maneira de produzir material plástico) ela absorve este segmento, introduzindo um código rudimentar, uma vez que a realidade em questão deve ser identificada, o que a caracteriza, ainda, como não cultural. Percebe-se assim, neste exemplo, como houve a modificação no extrato cultural. O inverso também pode ocorrer: quando um segmento



previamente conhecido é removido, o seu código também é perdido. Nos casos supracitados, os códigos de uma cultura sofreram os processos de semiotização e dessemiotização, respectivamente.

Seguindo tal linha de raciocínio, os elementos que são formalmente opostos a uma determinada cultura ou são eliminados ou integrados, nem que seja de forma marginal. Caso seja integrado, o elemento (que anteriormente era oposto) deixa o status global e passam a ser utilizado e aplicado de maneira diferenciada. Portanto, o processo de semiotização, que começou quando um segmento de realidade foi descoberto e classificado como não-cultural, alcança um novo estágio quando é incorporado em uma cultura e aceito como cultural. Isso quer dizer que, a semiotização leva a centralização do culturalmente periférico.

Com base na apresentação dos conceitos supracitados, a pesquisa analisa o jornalismo científico da Universidade Federal de Roraima por meio dos dois veículos de comunicação impressos - UFRR Notícias e Criativo - e verifica se a cultura jornalismo científico é culturalmente central ou periférico na cultura UFRR, uma vez que as IFES são instituições que por natureza devem produzir e divulgar ciência, tecnologia e inovação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para realização da pesquisa, foram analisadas todas as edições veiculadas, até abril de 2011, dos jornais “UFRR Notícias” e “Criativo”, ambos produzidos na Universidade Federal de Roraima. O UFRR Notícias é um jornal acadêmico produzido pela Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Roraima. Ele foi criado em Agosto de 2007 e tem uma proposta de levar ao conhecimento da comunidade acadêmica, as ações desenvolvidas pelo grupo gestor da UFRR. Entretanto, apesar desse papel institucional, o UFRR Notícias produz reportagens mais apuradas, abordando assuntos que a mídia tradicional não discute junto à sociedade. Além disso, o jornal atinge o público docente, servidores e estudantes da Instituição e tem como objetivo também de levar temas para dentro da sala de aula, em discussões entre acadêmicos e professores.

Até o UFRR Notícias de abril de 2011, foram veiculadas 30 edições do jornal, sendo nove delas sobre jornalismo científico. Todas as nove reportagens que foram veiculadas no periódico acadêmico e que se caracterizavam como jornalismo científico, todas elas foram “capa” ou manchete, devido ao necessário detalhamento deste tipo de jornalismo especializado.

O Criativo – laboratório de ideias - é o jornal laboratório do curso de jornalismo da UFRR e foi criado em 2003, na então disciplina de Redação Jornalística III e IV, ministradas pela professora Sônia Padilha. Pode-se dizer que o Criativo começou a partir de outros jornais laboratórios. Antes dele, os jornais laboratórios não tinham periodicidade e duravam enquanto a turma cursava a disciplina.

A partir de 2005 o Criativo compõe as disciplinas de jornalismo Aplicado I e II, ganha um novo Projeto Político Pedagógico do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. Até o final de 2010, o jornal laboratório do curso de jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR) chegou a oito edições. Por problemas na infraestrutura nos laboratórios de informática, bem como em processos licitatórios para contratação de gráficas, o Jornal Criativo não obteve rigor em sua periodicidade.

Porém, o jornal teve grandes conquistas, como o encarte no jornal Folha de Boa Vista (jornal impresso mais vendido do Estado de Roraima), o aumento para dois mil exemplares e o amadurecimento do projeto, como a opção de trabalhar o jornalismo interpretativo, optando pela angulação das pautas. Tal política resultou na conquista do primeiro lugar da região Norte na 3ª Edição do Prêmio ESMPU de Jornalismo Universitário, no primeiro semestre de 2011.

Com relação ao jornalismo científico, o jornal laboratório “Criativo” produz matérias relacionadas a este jornalismo especializado que são designadas para a página 3, onde são mostradas reportagens sobre o curso de comunicação social da UFRR. Nesta página são veiculados trabalhos de estudantes e professores, frutos de dissertações e teses de mestrado e doutorado, além dos programas de extensão propostos pelo curso de jornalismo. Além disso, na página dois há a coluna “Pesquisa Científica” que são pequenas notas sobre as pesquisas desenvolvidas pelos alunos, além das dicas de livros e sites relacionados à área jornalística. O jornalismo científico presente nas oito edições do



referido jornal limita-se a divulgação científica do curso de jornalismo, além de pequenas notas jornalísticas sobre as pesquisas dos acadêmicos e docentes do curso.

Devido a esta deficiência do jornalismo científico nos dois jornais analisados é que se propôs uma matéria jornalística de cunho científico como produto final da pesquisa. A temática da matéria jornalística descreve e interpreta a pesquisa científica desenvolvida por profissionais do Museu Integrado de Roraima (MIRR), Universidade Federal de Roraima (UFRR) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), sob a coordenação da pesquisadora Dra. Andréia Flores do MIRR.

Os resultados desta pesquisa foram divulgados em uma exposição denominada “Descobrimos os Segredos das flores do Lavrado” que foi financiada como projeto do edital de Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Processo 551419/2008-3). Segue abaixo a matéria realizada que possui o seguinte título “Do desconhecimento à riqueza do Lavrado: exposição mostra, com linguagem acessível, conceitos botânicos e biodiversidade da desvalorizada savana roraimense”.

Quem é roraimense ou mora há muito tempo no Estado com certeza conhece o ecossistema denominado savana ou o popular lavrado. O que poucos sabem é que nestes campos naturais, bem característicos de Roraima, há muita diversidade vegetal. Foi a partir dessa constatação que a pesquisadora do Museu Integrado de Roraima (MIRR), Dra. Andréia Flores, teve a iniciativa de realizar a exposição “Descobrimos os Segredos das Flores do Lavrado”.

A exposição, que hoje está em circuito itinerante nacional e que no momento visita a cidade de São Paulo, nasceu com o intuito de divulgar pesquisas científicas na área da botânica, com uma linguagem de fácil entendimento e sobre uma vegetação conhecida e pouco valorizada pelos roraimenses.

“Quando cheguei aqui em 2006, percebi o quanto a savana (lavrado) era uma vegetação bonita, diferente e inteira. Ao mesmo tempo, eu via que a maioria da população local não percebia a riqueza das espécies vegetais existentes nesta área”, afirma a pesquisadora Andréia Flores.

Para despertar o interesse da população e valorizar a biodiversidade do lavrado roraimense é que pesquisadores do MIRR, da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) realizaram pesquisas na área de savana do Estado. O trabalho científico consiste em fazer um levantamento florístico e verificar, pelas características e relação de parentesco com outras plantas, qual o nome científico da espécie encontrada (taxonomia).

A partir dessa identificação nominal científica é que outras importantes ações podem ser desenvolvidas, como a conservação de plantas genuínas da região (espécies endêmicas), realização do plano de manejo e verificação do potencial econômico da região para área biológica.

Os meios encontrados para popularizar tais pesquisas e levar o conhecimento científico ao grande público foi a confecção de 12 painéis com fotos, análise em microscópios de planta in natura, identificação de características das plantas em computador, além da exibição de três vídeos documentários sobre o MIRR, as flores e o lavrado de Roraima.

Todos esses recursos permitem que o visitante da exposição interprete os conceitos botânicos relacionados à flor, utilizando como referencial as plantas da savana do Estado.

“Descobrimos os Segredos das Flores do Lavrado” já percorreu, além da capital Boa Vista, outros sete municípios de Roraima (Mucajaí, Iracema, Caracará, Bonfim, Rorainópolis, Alto Alegre e Cantá). A exposição visita até 2012 outras quatro cidades brasileiras como São Paulo, Porto Alegre, Macapá e Brasília.

4. CONCLUSÕES

O fazer do jornalismo científico, definitivamente, não é uma simples e fácil tarefa. Usar corretamente expressões de cunho científico, de forma que o jornalista as traduza para o denominado público leigo requer tempo e profundo conhecimento do assunto analisado.

Para essa missão, há a necessidade de um número maior de especializações (cursos *lato e stricto sensu*) na área deste jornalismo especializado, principalmente com ofertas na região Amazônica (grande potencializadora da ciência e tecnologia do país). Com relação à graduação acadêmica das Universidades brasileiras é necessário fomentar a discussão da disciplina de jornalismo científico nas



matrizes curriculares dos cursos de jornalismo, para que haja qualificação profissional para o concorrido mercado de trabalho, bem como suprir a falta de alfabetização científica, deficiente desde os ensinamentos fundamental e médio.

Toda essa qualificação permite a popularização da ciência e cumpre a máxima do jornalismo: o poder de discutir assuntos de suma importância juntamente com a sociedade. Com o jornalismo científico, assuntos relacionados à ciência, tecnologia e inovação são abordados com o intuito de que a população tenha o real discernimento e possa cobrar do poder público um maior e melhor investimento na área.

No contexto está inserido a Universidade Federal de Roraima (UFRR), Instituição de Ensino que carrega consigo a missão de financiar e produzir ciência e tecnologia, seja em âmbito estadual, regional e/ou nacional. Além disso, todo esse conhecimento necessita ser disseminado e divulgado para que atinja tanto a pesquisadores de outras instituições quanto o chamado público leigo.

Nesse sentido, duas vias de comunicação de mídia impressa podem realizar essa ponte da referida Universidade com este público: o UFRR Notícias e o Criativo. O primeiro de forma direta, pois é produzido pela assessoria de comunicação e divulga as ações do órgão. Já, indiretamente, aparece o Criativo que dissemina as ações do curso de jornalismo da instituição e permite a análise da qualidade jornalística produzida pelos seus respectivos acadêmicos.

Os dois veículos supracitados se encaixam perfeitamente no estilo do jornalismo científico, a começar pela periodicidade: o UFRR Notícias é bimestral e o Criativo é trimestral. Com isso, o tempo para produção da notícia é bem maior daquele visto nos jornais diários da mídia convencional (deadline curto), o que permite uma profunda análise da pesquisa científica, com termos científicos que podem ser compreensíveis e esclarecedores. Além disso, os dois estão inseridos no contexto científico e tecnológico de Roraima, o que facilita a aproximação com as pautas, fontes, pesquisadores, enfim, com a cientificidade em si.

Entretanto, partindo para análise metodológica, foi constatado que dentro dos conceitos da Semiótica Russa, a cultura “jornalismo científico” é culturalmente periférica em relação à cultura “UFRR”, na qual foi analisada por meio dos dois jornais. Se considerarmos que a Universidade é uma fomentadora científica, o jornalismo de ciência, conseqüentemente, deveria configurar como cultura central.

No caso do UFRR Notícias, das 30 edições publicadas até abril de 2011, nove delas tinha como “capa” este jornalismo especializado. Entretanto, estas reportagens eram relacionadas a pesquisadores renomados ou ainda sobre eventos científicos. A iniciativa é válida, porém, aproximaria ainda mais a população da ciência se estes assuntos fossem contextualizados com as pesquisas desenvolvidas pelos discentes, docentes e técnicos da Instituição.

Para o jornal laboratório Criativo, que tem uma coluna fixa de divulgação da pesquisa, extensão e ensino do curso de jornalismo, poderia haver maior abrangência dessas pesquisas e fazer reportagens sobre áreas relacionadas ao jornalismo, como ciências sociais, psicologia, antropologia, direito: sempre contextualizando com o próprio curso de comunicação social. Ou ainda, o Jolab pode fazer mais edições com matéria de capa sobre este jornalismo especializado.

Estes mecanismos seriam os primeiros passos para que ocorra a semiotização da cultura “jornalismo científico” nas culturas “UFRR Notícias” e “Criativo”. Assim, a Universidade Federal de Roraima estaria construindo e fortalecendo, ainda mais, a cidadania e a democracia do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico**. Disponível em:
<<http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/conceitos/jornalismocientifico.php>>.
Acesso em: 13 abril 2011.



BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico e Democratização do Conhecimento**. Disponível em:

<http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo27.php>. Acesso em: 12 abril 2011.

BUENO, Wilson da Costa. **Os equívocos do Jornalismo Científico no Brasil**. Disponível em:

<<http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/newsletter/noticia4.htm>>. Acesso em: 12 abril 2011.

BUENO, Wilson da Costa. **Os Novos Desafios do Jornalismo Científico**. Disponível em:

<http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo9.php>. Acesso em: 16 abril 2011.

OLIVEIRA, Fabiola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2005.

POSNER, Roland. O mecanismo semiótico da cultura. In: RECTOR, Mônica (org.). **Comunicação na era pós-moderna**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997. p. 37-49.